

**A Linguística Aplicada em diálogo com o Gedeall: implicações para a subjetividade e para a pesquisa****Applied Linguistics in dialogue with Gedeall: implications for subjectivity and research**

Rita de Cássia Souto Maior<sup>1</sup>  
PPGLL/Ufal

**Resumo**

Meu objetivo neste artigo é discorrer, a partir da perspectiva dialógica discursiva, sobre o que chamo de pessoas da pesquisa nos estudos da Linguística Aplicada: o/a pesquisador/a; o/a participante; e aqueles/as que são construídos/as na escritura dos trabalhos. Para tal, retomo períodos históricos da Linguística Aplicada sobrepondo-os a características do/a pesquisador/a no campo em cada um desses períodos. Por fim, a partir de uma postura interpretativista e baseada em trechos da narrativa de uma das líderes do Grupo de Estudos Discurso, Ensino e Aprendizagem de Línguas e Literaturas (GEDEALL), vou problematizar o fio da discussão com o propósito de entender um pouco mais sobre a epistemologia da Linguística Aplicada Implicada. Nesse espaço, observo atuação teórico-prática engajada de pesquisadores/as, principalmente pelos encaminhamentos de estudo direcionados para a “vida vivida” e pela ideia, também, de ação responsável que o escopo epistemológico imprime nas dimensões de pesquisa.

**Palavras-chave:** Linguística Aplicada Implicada. Grupos de Pesquisa. Pesquisa. Subjetividades

**Abstract**

My objective in this article is to discuss, from a discursive dialogic perspective, what I call research people in Applied Linguistics studies: the researcher; the participant; and those who are constructed in the writing of the works. To this end, I revisit historical periods of Applied Linguistics, superimposing them on the characteristics of the researcher in the field in each of these periods. Finally, from an interpretive stance and based on excerpts from the narrative of one of the leaders of the Study Group on Discourse, Teaching and Learning of Languages and Literatures (GEDEALL), I will problematize the thread of the discussion with the purpose of understanding a little more about the epistemology of Applied Linguistics Implicate. In this space, I observe the engaged theoretical-practical action of researchers, mainly due to the study directions directed towards “lived life” and due to the idea of responsible action that the epistemological scope imprints on the research dimensions.

**Keywords:** Applied Linguistics Implicated. Research Groups, Research. Subjectivities

---

<sup>1</sup> Professora de Graduação e de Pós-graduação na Faculdade de Letras (Fale) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Integra o GT Ensino e Aprendizagem na Perspectiva da Linguística Aplicada (EAPLA) da Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguística (ANPOLL). Participa e é vice-líder do Grupo de Estudos Discurso, Ensino e aprendizagem de línguas e literaturas (GEDEALL/UFAL). Atualmente é diretora da Fale/UFal.

## Introdução

A oportunidade de discutir a Pesquisa e os Grupos de Pesquisa no Brasil é extremamente relevante em um contexto histórico político no qual segmentos da sociedade questionam a ciência, os saberes acadêmicos e todo o trabalho de grupos de pesquisas, em uma onda de de *Fake News*, de movimentos da pós verdade<sup>2</sup> e de discursos negacionistas<sup>3</sup>. Um grupo de pesquisa é definido, no diretório do CNPq, como “um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente em torno de uma ou, eventualmente, duas lideranças”. Mas é óbvio que isso é apenas um dos aspectos iniciais e estruturais desses grupos. Ainda no diretório, são definidos outros fundamentos como:

a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico ou tecnológico; no qual existe envolvimento profissional e permanente com a atividade de pesquisa; **cujo trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa que subordinam-se ao grupo (e não ao contrário)**; e que, em algum grau, compartilha instalações e equipamentos. (Diretório de Grupos de Pesquisa -CNPq. Grifo meu)<sup>4</sup>.

Negrito acima está o aspecto organizacional a partir do qual as linhas se interrelacionam academicamente em função de um grupo. Assim sendo, é possível perceber o caráter multidisciplinar que um grupo institui na academia e, nesse sentido, entender o quão dinâmica pode ser a vivência de um/a pesquisador/a nessa comunidade.

Antes de qualquer discussão mais teórica, posso dizer, que participar de um Grupo de Pesquisa no início de minha experiência como estudante foi fundamental e me ensinou que a coletividade tem voz preponderante diante de certas demandas sociais e acadêmicas, como as que geram perguntas como: Em que espaços posso/devo pesquisar? Como atuar com os gêneros nas escritas acadêmicas? Como construir uma reflexão teórica responsável? etc. Podemos desenvolver os estudos de maneira mais solitária, mas em um grupo de

---

<sup>2</sup> Segundo Gomes et all. (2020. Grifos meus), em 2016, “o Oxford Dictionary elegeu *pós-verdade* como a palavra do ano. Naquele contexto, ocorreram dois eventos emblemáticos: a saída do Reino Unido da União Europeia e a vitória de *Donald Trump* para a presidência dos Estados Unidos. Além de compartilhar o mesmo ano, os dois eventos tiveram em comum um alto índice de disseminação de notícias falsas ou, em inglês, *fake news*, principalmente por meio das mídias sociais. Por esse motivo, a palavra *pós-verdade* destacou-se naquele ano, definida como ‘o que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais’ (Oxford, 2016, tradução nossa).”

<sup>3</sup> Em um passado não muito longínquo, o hoje ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, questionava a vacina contra a Covid-19 de maneira contínua e em várias frentes. Fazia remissão à ciência de maneira preconceituosa e jocosa., como o exemplo que segue: “Se você virar um jacaré, problema de você [sic]. Se você virar super-homem, se nascer barba em alguma mulher aí ou algum homem começar a falar fino, eles não vão ter nada a ver com isso. O que é pior: mexer no sistema imunológico das pessoas’ [...]”. Esses movimentos recrudesceram uma realidade brasileira de negação da ciência. (<https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/>)

<sup>4</sup>Fonte:

[https://lattes.cnpq.br/web/dgp/faq?p\\_p\\_id=54\\_INSTANCE\\_39Zlb9kA3d0e&p\\_p\\_lifecycle=0&p\\_p\\_state=normal&p\\_p\\_mode=view&p\\_p\\_col\\_id=column-3&p\\_p\\_col\\_count=1&\\_54\\_INSTANCE\\_39Zlb9kA3d0e\\_struts\\_action=%2Fwiki\\_display%2Fview&\\_54\\_INSTANCE\\_39Zlb9kA3d0e\\_nodeName=Main&\\_54\\_INSTANCE\\_39Zlb9kA3d0e\\_title=G01.+O+que+%C3%A9%20um+grupo+de+pesquisa%3F+Como+saber+se+as+atividades+desenvolvidas+por+um+conjunto+de+pesquisadores+constituem+um+grupo+de+pesquisa%3F](https://lattes.cnpq.br/web/dgp/faq?p_p_id=54_INSTANCE_39Zlb9kA3d0e&p_p_lifecycle=0&p_p_state=normal&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-3&p_p_col_count=1&_54_INSTANCE_39Zlb9kA3d0e_struts_action=%2Fwiki_display%2Fview&_54_INSTANCE_39Zlb9kA3d0e_nodeName=Main&_54_INSTANCE_39Zlb9kA3d0e_title=G01.+O+que+%C3%A9%20um+grupo+de+pesquisa%3F+Como+saber+se+as+atividades+desenvolvidas+por+um+conjunto+de+pesquisadores+constituem+um+grupo+de+pesquisa%3F)

pesquisa temos o lugar propício para complexificar nossas reflexões e expandir os horizontes de saberes.

Um grupo pode ampliar sobremaneira a oportunidade de diálogo e conhecimentos trocados entre pessoas de níveis de escolaridade e de comunidades/saberes culturais diferentes, por exemplo. No extrato da escolaridade, há o diálogo entre egressos/as, graduandos/as, mestrandos/as, doutorandos/as, ou ainda, professores/as das Instituições de Ensino Superior e pessoas da sociedade civil com diversas formações. Esse contato oportuniza conhecermos mais sobre as pesquisas de um modo geral para podermos nos situarmos diante de um escopo maior de interesses. Além disso, o grupo é espaço para o contato com os gêneros acadêmicos de divulgação científica, como artigos, apresentações, resumos, palestras etc., o que pode acelerar o processo de letramento acadêmico<sup>5</sup>. Assim sendo, ele é um agenciador de oportunidades para uma pesquisa mais fortalecida e crítica.

Meu interesse é destacar essas características acima, relacionando-as às dinâmicas de um Grupo de Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas, o Grupo de Estudos Discurso Ensino e Aprendizagem de Línguas e Literatura/GEDEALL<sup>6</sup> (de 1995 a 2017, denominado de Ensino e Aprendizagem de Línguas), que nasce atuando com ensino de línguas, mas que, seguidamente, pesquisa o ensino das literaturas das línguas e os estudos do discurso, atuações essas marcadamente na perspectiva da Linguística Aplicada.

Com esse propósito, na continuidade deste capítulo, vão observar que, primeiro, compreendo a história da Linguística Aplicada e a noção de pesquisador/a que a área vai enredando com sua prática. Em seguida, dentro do campo do discurso dialógico, focalizo três pessoas da pesquisa, a saber: o/a pesquisador/a, o/a participante e a pessoa construída no discurso das pesquisas. À vista disso, ainda retomo alguns aspectos relativos ao campo da Linguística Aplicada mais contemporânea, em cotejo com a história e a atuação epistemológica do Gedeall, a partir de problematizações minhas e de trechos da narrativa de uma de suas líderes, a profa. pesquisadora Rita Maria Diniz Zozzoli<sup>7</sup>, que respondeu a três questões a ela apresentadas<sup>8</sup>: a primeira sobre o surgimento do grupo, a segunda sobre ações mais importantes desse grupo e, por fim, sobre quais seriam os maiores objetivos de um Grupo de Pesquisa em sua opinião<sup>9</sup>. Nessa parte, problematizo o campo da LA para o estabelecimento de uma prática implicada da Linguística Aplicada (Souto Maior, 2022)<sup>10</sup>.

---

<sup>5</sup> Entendo letramento acadêmico como um conjunto de práticas próprias para a escrita no ambiente do ensino superior, mas que não se extingue em um rol de gêneros próprios àquele espaço, já que esses podem responder às práticas de classes dominantes apenas, corroborando com as críticas dos Novos Estudos do Letramento. Desse modo, o letramento, acadêmico ou não, é uma prática social que depende dos contextos sociais nos quais a língua escrita se inscreve e, assim sendo, como há diferentes usos sociais da linguagem, os significados que são atribuídos à escrita e à leitura também são dependentes dos contextos sociais. “Consequentemente, não há um letramento, mas letramentos, a depender dos significados atribuídos por diferentes grupos sociais.” (Fiad, 2017, p. 90)

<sup>6</sup> <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/14925>

<sup>7</sup> Atualmente ela é professora aposentada e voluntária no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas.

<sup>8</sup> Os áudios da narrativa foram transcritos e compõem o artigo em extratos selecionados em função da discussão que será empreendida.

<sup>9</sup> Essa construção da narrativa se deu nos meses de outubro e novembro de 2024, pelo WhatsApp.

<sup>10</sup> A Linguística Aplicada implicada é uma perspectiva de atuação do estudo em LA que pressupõe mais do que a relação dialogal entre o/a pesquisador/a e seus objetivos de estudo, compreende essa relação como uma

Para finalizar, demonstro como essa LA, associada aos estudos discursivos e à postura interpretativista e responsiva do/a pesquisador/a ratifica a necessidade do viés da implicação dos estudos na área.

### **Bases teórico-históricas, características e o/a pesquisador da LA**

Sobre o surgimento - A LA surge como aplicação de linguística num período em que os avanços teóricos dessa área pressupunham uma atuação mais efetiva das discussões teóricas nas práticas sociais. Segundo Almeida Filho (2007), a LA como área de conhecimento sistemática e objetiva estaria interligada com o desenvolvimento do ensino de línguas nos EUA, durante a segunda guerra e depois. Isso porque, ainda segundo esse autor, surgia, nesses contextos de durante e pós-guerra, a necessidade de contato com os sentidos dos aliados e até mesmo a necessidade de entender o inimigo para uma atuação bélica mais efetiva.

Então posso inferir que o foco “na língua do inimigo” ou dos parceiros de guerra e pós-guerra vão, de certa forma, construindo um espaço próprio para a busca da qualidade e da eficácia do ensino de línguas, com o cerne na compreensão dos sentidos e na produção de textos principalmente. Ao mesmo tempo em que a transposição didática parecia algo “prático e certo”, observava-se que não era bem assim que funcionava no ensino, havia outros aspectos envolvidos no ensino e aprendizagem que demandavam outro modo de pensar metodologia, que não o mero repasse de teorias, como pensar em aspectos interacionais, questões cognitivas e afetivas, abordagens tóricas etc.

Nesse ponto, compreendo que a questão da reflexão sobre os dados empíricos/práticos foi fundamental diante do que havia sido construído até então nas teorias linguísticas; isso gerou a desconstrução do ideal de transposição direta da teoria para a prática de ensino e instituiu várias problematizações no campo.

### **LA ao longo das décadas**

Dando continuidade as etapas históricas e retornando às discussões de Almeida Filho (2007), é notório que tanto a psicologia quanto a linguística surgem como áreas muito importantes para a construção de manuais de ensino, de livros de cursos etc. visando, digamos assim, o “sucesso” desse ensino de língua. Mas é importante destacar que estou falando, nesse momento, de uma linguística voltada, teórica e praticamente, para o ensino e a aprendizagem de línguas<sup>11</sup> de base muitas vezes behaviorista<sup>12</sup>. Até porque, como ainda diz Almeida Filho (2007), como “se tratava de ensino-aprendizagem de línguas, pareceu correto e natural a princípio utilizar os resultados da pesquisa científica e prestigiosa da linguística geral nos anos 50 e 60”.

---

conscientização de que a escritura de uma pesquisa é uma escritura na/da vida. Assim sendo, a pesquisa idealiza e constrói novas práticas no mundo porque ela é ação concreta.

<sup>11</sup> Segundo Almeida Filho (2007, p. 12), “o progresso com os princípios audiolinguistas para o ensino de línguas vem a formar um movimento pioneiro e de crescente visibilidade dentro da LA no período que se inicia logo após o término da guerra em 1945.”

<sup>12</sup> O behaviorismo é uma teoria da psicologia que estuda o comportamento humano e animal de forma objetiva, através da observação de ações e reações a estímulos externos e surgiu nos Estados Unidos no início do século XX.

Nessa época, décadas de 50-60, pensa-se, então, numa LA como um campo de estudos que iria se debruçar sobre determinados problemas no aspecto do ensino e aprendizagem que demandariam uma atenção especial de pesquisadores/as os/as quais, a partir de seus conhecimentos teóricos provenientes da Linguística, contribuiriam com a “resolução de problemas”. É importante perceber que não se trata de necessariamente termos atuações de professores/as que seriam pesquisadores/as. Há uma barreira entre quem pesquisa e quem ensina. Nesse caso, a subjetividade atrelada à época é a de um/a pesquisador/a que, digamos assim, “auxiliaria” na base do ensino, cabendo ao/à professor/a gerenciar esse ensino, a partir de modelos ou propostas construídas. Devidamente, essa conjuntura vai se modificando, à medida que os/as pesquisadores/as percebem a diversificação de contextos, de problemáticas, de interesses, enfim de nuances desses espaços que não proporcionam generalizações fáceis, mas isso só se intensifica e toma forma anos depois.<sup>13</sup>

Em meados da década 60 e em 70, mesmo se configurando ainda como área aplicadora, no Brasil surge o lugar da LA nas academias, em iniciativas de Programas de algumas universidades<sup>14</sup>. A inclusão da linguística na década de 60 do século passado nos currículos de Letras motivou, segundo Neta, Santos e Carvalho (2023, p. 09), a ampliação dos estudos da LA. Nesse caso, entendo a LA como espaço para a aplicação de disciplinas da linguística principalmente, em um lugar de atuação “prática” em contraponto às teorias. A LA é esse norte para a resolução de um problema de uso da linguagem, de metodologias de ensino, de acompanhamento do erro e da eficácia no ensino e aprendizagem.

Em decorrência desse movimento, as subjetividades dessas décadas se voltavam para uma suposta ação, predominantemente prática, em função de um problema de linguagem, mas muito fortemente relacionada a algum campo teórico; expandem-se também os espaços de discussões teóricas sobre contexto, sujeito/subjetividade, língua, cultura, metodologia ensino/ aprendizagem e outros que vão tensionando essas subjetividades. Logo, os/as pesquisadores/as da LA começam também a construir teoria dessas práticas executadas, em função não só de um campo da linguística (Linguística Textual, Sociolinguística etc.), mas dos objetos de análise, que começam a requerer mais de uma teoria da linguística para serem observados com mais complexidade. Nessa seara e por conta da atuação desses/as estudiosos/as, surge também a necessidade de diálogo com outras áreas, como a pedagogia e a psicologia etc. Essa expansão vai estimular, pouco a pouco, o discurso sobre a explosão de margens disciplinares da primeira década do século XXI.

Já nos anos 80, Almeida Filho (2007), citando Cavalcanti, apresenta o início das discussões no Brasil sobre a perspectiva interdisciplinar dessa nova área. Segundo Neta, Santos e Carvalho (2023 p. 09), as fronteiras da LA se ampliam também fora do Brasil, o que foi registrado, segundo ainda os/as autores/as, pelos “extensivos trabalhos publicados ao longo dos dez primeiros anos do *Journal of Applied Linguistics* e do *Annual Review of Applied Linguistics* (ARAL), fundado em 1980.”.

---

<sup>13</sup> Importante destacar que apesar de haver uma apresentação linear, os acontecimentos ocorrem de maneira enredada em vários acontecimentos que surgiam no Brasil.

<sup>14</sup> Almeida Filho (2007) cita o Programa de Mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas da PUC-SP, a partir de 70, e o Centro de Linguística Aplicada do Instituto de Idiomas Yázigí, em SP, em 1966, como espaços que surgem no Brasil, citando a Análise contrastivas e a análise de erros como tradições na investigação científica em LA. Ainda registro que, em 1964, foi fundada a Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA); em 1966, a Associação Britânica de Linguística Aplicada (BAAL) e, em 1967, o TESOL Quartely.

Por conseguinte, os/as pesquisadoras/es não mais são pessoas especialíssimas em determinados temas, mas já há transversalidade nas discussões. Logo, a subjetividade do/a estudioso/a da década de 80 era marcada pelo desbravar de novas conjunturas de discussões, sempre atreladas ao encontro da linguística com disciplinas das ciências sociais, da psicologia, da educação, do discurso etc. A LA também não era mais uma área que se preocupava apenas com o ensino de Línguas<sup>15</sup>. O primeiro CBLA, ocorrido em 1986, cuja temática foi “Pesquisas e Perspectivas”,

sintoniza-se com o momento histórico em que se realiza o primeiro evento científico nacional da área. Esse momento **revela a preocupação dominante dos pesquisadores da área que, na época, recaía na busca de caminhos para a legitimação de seu campo de estudos, na definição da natureza deste, na extensão de suas fronteiras e na descoberta de sua identidade.** (Archanjo, 2011. Grifo meu)

Destaco que as pessoas também começam a se reconhecer como Linguistas Aplicadas/os a partir dos estudos que faziam (frases como: “meu estudo é um pouco em LA” ou “trabalho com Linguística Textual, mas meu trabalho dialoga com estudos da Linguística Aplicada” não são incomuns ainda hoje de serem ouvidos).

No ano de 1990, a criação da ALAB - Associação de Linguística Aplicada no Brasil - foi muito importante pois colocou a área em um patamar de coletividade nacional em função de interesses de pesquisadoras/es que já se autodenominavam linguistas aplicadas/os. Há, nesse período, traços de subjetividade muito atrelados à necessidade de autodefinição. Pergunto: O que fazemos em LA? Quem é o/a linguista aplicado/a?

Vários grupos de estudos surgem na década de 90, como é o caso do Grupo de Estudos Discurso, Ensino e Aprendizagem de Línguas (Gedeall), fundado em 1994, sobre o qual vou me debruçar um pouco mais adiante. Os grupos vão se definindo dentro da própria nomenclatura dos temas de interesse, com nomes como: estudos de identidade e gênero, estudos discursivos, estudos sobre formação de professores, letramento etc. As subjetividades desse período são construídas em especialidades, num movimento para dentro da academia, de busca de espaços e de defesa do que se fazia. Quem fazia LA, além de pesquisar, tinha que defender que o que faziam era de fato pesquisa. As conexões com as áreas da linguística precisavam ali serem feitas no sentido de se buscar apoio e de se fazer parcerias, mas sempre com o viés de que éramos parte do que construíamos e que o que era construído estaria no campo da LA.

No início do século XXI, Celani (2000, p. 18) destaca que a LA começa a examinar impactos das “forças sociais, econômicas e políticas na teoria/prática de ensino/aprendizagem de línguas [...]”. Há também, segundo considero, nova ênfase no papel de uma política linguística na educação, com suas implicações na distribuição do poder e dos recursos econômicos.”. Nesse caso, já se observa o viés político de problematizações da área,

---

<sup>15</sup> Almeida Filho (2007) cita *Stevens* que, em 1975, apontava o caráter interdisciplinar da LA com a linguística como ciência mãe, mas que, em 1980, o mesmo autor apresenta todas as ciências como simétricas na relação interdisciplinar. Há uma discussão sobre as ciências fontes para essa confluência e o protagonismo ou não da Linguística que se estende até hoje, como podemos ver na obra “Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar”, organizado por Moita Lopes e publicado pela primeira vez em 2006.

de desnaturalizações de práticas, de sentidos e de buscas do que chamamos de “encaminhamentos” das pesquisas.

Essa dimensão do estudo chamada “encaminhamento” é um fluxo para o futuro, de idealização e planejamento de como posso atuar em função de algo que deve gerar benefícios para aquela comunidade estudada, a partir do que se interpretou/estudou/analisa nas pesquisas. Já se vislumbra, no fechamento de um projeto, a conexão com a “vida vivida” e, por isso mesmo, sua conexão com a história que continua a acontecer, agora tocada pelos fios de práticas de estudiosas/os que, no mínimo, questionavam situações estudadas, sentidos encontrados, maneiras de ver e conceber o mundo. Nas discussões de Celani, daquele texto do início do século, já observo um sinal dessa implicação de uma LA no enredo social da qual ela, a área, não só faz parte, mas integra com ação própria nas relações sociais do seu fazer científico. Especificamente, Celani (2000) fala de políticas públicas as quais a população aceita pelo fato de ela mesma (a população) ter feito parte da elaboração dessas políticas. A autora diz: “Portanto, mecanismos de consulta devem ser estabelecidos, para que se obtenham as opiniões de importantes setores da comunidade. **O conhecimento de especialistas não basta.**” (Celani, 2000, p. 18. Grifo meu)

Posso dizer fechando essa fase que as subjetividades de pesquisadores/as do início do século XXI eram atreladas a uma ação de propostas de encaminhamentos, a partir das práticas estudadas e “com” elas. Mas não eram encaminhamentos que serviam como receitas a serem seguidas, e sim, sempre, numa perspectiva de pensamentos críticos sobre os fatos de linguagem que partiam para um desejo de futuro melhor.

Assim sendo, é possível afirmar que se buscava implementar uma ação de intervenção prática com as pesquisas, questionando o mundo em função da miserabilidade das pessoas, do sofrimento humano, da falta que sentimos de um coletivo mais integrador. Posso dizer fechando essa fase que as **subjetividades de pesquisadores/as do início do século XXI** eram atreladas a uma ação de propostas de encaminhamentos, a partir das práticas estudadas e “com” elas. Mas não eram encaminhamentos que serviam como receitas a serem seguidas, e sim, sempre, numa perspectiva de pensamentos críticos sobre os fatos de linguagem que partiam para um desejo de futuro melhor.

Sou uma pesquisadora desta época e, como estudante e depois professora, repetia esse entendimento de que não trabalhávamos com “receitas a serem seguidas”. Nós construíamos propostas, mas elas não eram infalíveis, porque precisamos fazer com que essas propostas fossem deslocadas, a partir dos contextos situados, a partir das transdisciplinaridades assumidas e das subjetividades vivenciadas. Essa postura era resposta à quase acusação de que não tínhamos propostas por não termos “a” proposta. Havia um ativismo do/a pesquisador/a em LA em função de querer mudar a realidade das academias e de agir para tal, em diálogo com a vida cotidiana e com as áreas que discutiam sobre esse cotidiano no campo das ciências sociais.

A noção de implicação, nesse ínterim, operava no meu deslocamento de uma pessoa que aplicava teorias<sup>16</sup> em contextos diversos para uma “pesquisadora da ação aplicada<sup>17</sup>”, ou ainda uma pesquisadora “na linguística aplicada implicada”, por estar em ação e com a ação.

Em resumo, o que se observa na primeira década do início do século XXI é que, ao se vivenciar cada vez mais as práticas numa perspectiva etnográfica, de vivência e de construção de sentidos com a prática, os/as pesquisadores/as iniciam então um movimento de “problematização” de questões, ou seja, de observação de ações tidas como “normais”, mas que, com uma observação mais democrática<sup>18</sup> e crítica, vão se constituindo como problemática social. Questões como: necessidade de uma convivência mais afetiva e luta por espaços contra o preconceito; respeito à diversidade de gênero, raça e etnia; construção de harmonia e de direitos entre povos para uma paz coletiva; uma escrita e leitura crítica para/na sociedade são alguns nortes de muitos estudos dessa LA implicada.

De qualquer forma, é historicamente que a LA vai construindo suas características como vimos até aqui. Há alguns pontos da discussão que vão se encontrando para pensarmos em propriedades mais contemporâneas na área, quais sejam: preocupação com as práticas sociais, intermediadas e constituídas pela linguagem; construção móvel de discussões teóricas que contribuirão para o entendimento das práticas sociais; sistematização dessas práticas para organização de uma reflexão teórico-prática sobre elas e de sua institucionalização; construção de saberes teóricos sobre as práticas sociais, visando a uma democratização da convivência humana.

Essas características<sup>19</sup>, de alguma forma, se contrapõem a determinados posicionamentos que estariam mais no campo do tradicionalmente observado nas pesquisas, principalmente sobre a noção de disciplina, a qual compreende barreiras bem delimitadas sobre suas teorias, uma sistemática própria para a construção do seu escopo metodológico e abordagem metodológica, uma subjetividade de pesquisador da área fixa e imutável.

Na LA que fazemos hodiernamente, os fenômenos sociais ou práticas sociais não são tão simples e lineares (por isso os problematizamos), as pesquisas acabam não sendo tão

---

<sup>16</sup> No 1º CBLA, ocorrido em 1986, “chama a atenção, à primeira vista, o fato de, em um congresso específico de LA, as três grandes subáreas de estudo e pesquisa mais representadas (língua segunda e estrangeira, língua materna e, tradução e educação bilíngue) serem aquelas que reproduziam, em sua organização prática, uma adequação teórica que se aliava ao olhar para o campo da LA compartilhado por grande parte dos linguistas e estudiosos da linguagem, que se buscava, justamente, nesse momento, modificar.”

<sup>17</sup> Essa perspectiva se aproxima ao que se denomina pesquisa-ação, empreendida no meio educativo e que transgredia a uma ordem científica tradicional. A metodologia daquela pesquisa-ação é ordenada e disciplinada, decomposta, segundo Barbier (2002, p. 38) em 6 etapas: 1. exploração e análise; 2. o enunciado do problema de pesquisa; 3. planejamento do projeto; 4. realização do projeto; 5. apresentação e análise dos resultados; 6. interpretação e conclusão – tomada de decisão. Na perspectiva da pesquisa de ação aplicada, já há uma tomada de decisão no primeiro passo da pesquisa (na construção coletiva do tema, no recorte da comunidade colaboradora, nas decisões teóricas e metodológicas); no segundo passo, de descrição e análise, há um eterno processo de visão de si como pesquisador/a em função dos sentidos que estão sendo gerados com a escrita ação do/a estudioso/a; os passos seguintes são retomadas das teorias selecionadas para sua enunciação em função dos dados construídos.

<sup>18</sup> O sentido do termo democrático neste texto está interligado com a busca da igualdade de direitos básicos para o cidadão e do antiautoritarismo.

<sup>19</sup> Moita Lopes (1996) apresenta cinco características na obra da década de 90, a saber: a) Pesquisa de natureza aplicada em Ciências Sociais; b) Pesquisa que focaliza a linguagem do ponto de vista processual; c) Pesquisa de natureza interdisciplinar e mediadora; d) Pesquisa que envolve formulação teórica; e) Pesquisa que utiliza métodos de investigação de base interpretativista e interpretativista.

previsíveis (nem devem ser) e os resultados continuam não funcionando como parâmetros replicadores de uma “ciência objetiva” (porque a vida é um continuum complexificado).

Para além dos fatores contextuais, o/a pesquisador/a do século XXI é uma pessoa atenta que escuta, sente e vê o outro e que se implica nos anseios das pessoas que sofrem com mazelas do estreitamento do mundo globalizado, das que precisam de atenção política para o direito à vida, das que demandam cuidados para terem qualidade em suas vivências e daquelas que clamam por justiça. São pesquisas que instigam outros saberes, que desmontam esquemas de organização política educacional clássicas, que trabalham como em um espaço permanentemente de implicação com a luta e com o amor.

Descrita essa contextualização geral na qual a área da LA constitui as subjetividades do/a pesquisador/a, a seguir apresento as pessoas da pesquisa no entendimento da LA que estuda com o discurso bakhtiniano.

### **Os estudos discursivos dialógicos na LA e as pessoas na/da pesquisa**

Nessa perspectiva última apresentada, destaco com a LA contemporânea que: a. a linguagem é observada na prática, no entanto essa prática não é dada, é construída por aspectos histórico-culturais do mundo narrado na pesquisa tensionado pelas subjetividades situados; b. há uma construção plural dos sentidos e da formulação de éticas e de valores na própria pesquisa, ou seja, a pesquisa funciona como descrição crítica de uma situação prática; na pesquisa em LA há um ideal visado, um desejo para a vida no porvir; c. as relações entre pessoas e entre humanos e não-humanos é potencializada como base para os objetivos das pesquisas, assim objetivamos o engajamento e a responsabilidade recíproca; d. os processos da linguagem, oficial ou do cotidiano, nas diferentes problemáticas estudadas, constituem a vida em movimento, logo a pesquisa não é fechada nela mesma, elas geram lacunas porque geram problematizações. Com essa diversidade de enfoques, caracterização lacunar e objetivos engajados, posso dizer que a subjetividade constituída não poderia ser linear. No âmbito do pensamento dos autores do Círculo bakhtiniano, de um modo geral a alteridade é pensada no escopo de uma relação constitutiva do sujeito na e pela linguagem, passamos pela consciência do outro para nos constituir. Nesse caso, vou concentrar a discussão aqui no entendimento do sujeito como sujeito do discurso (enunciação), da alteridade (encontro de vozes) e do acontecimento (do novo), principalmente no sentido de que “os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p. 261). Na concepção de linguagem bakhtiniana, o sujeito não se expressa apenas, ele age, atua com seu interlocutor, esperando deste uma resposta.

Considerando esses traços, apresento três dimensões do sujeito e da pesquisa adiante.

### **Sobre as pessoas na pesquisa em LA: o/a pesquisadora, o/a participante e a pessoa “escrita” na pesquisa (construída no discurso)**

Como apresentei, podemos pensar na noção de sujeito em três perspectivas: 1. uma relacionada àquele que pesquisa; 2. outra àquele que participa do estudo; e 3. outra àquele que, a partir da escritura do texto dos trabalhos, vai se construindo na pesquisa como um sentido ético-cultural que resvala em sentido futuro. Abaixo, falo sobre cada uma dessas perspectivas:

**Sobre o/a pesquisador/a**

Começarei falando sobre o pesquisador/a, dando um exemplo de como podemos incitar um questionamento sobre fazer pesquisa: em um estudo para explicar sobre “o preconceito linguístico em uma comunidade de periferia”, cujo espaço de pesquisa seja um encontro dominical de mulheres, o/a pesquisador/a em LA pode assumir duas perguntas fundamentais para o início de seu estudo: Como surge esse meu interesse? Como eu me coloco diante dessa comunidade? Essas duas perguntas balizam suas escolhas metodológicas de construção da “realidade” do estudo, no sentido de que: 1. fala de relações e de sentidos afetivos; 2. posiciona o “meu lugar de fala”, o que me coloca em perspectiva e no movimento de flexibilidade nas minhas análises e conclusão; 3. Engaja minha história em parte da história do mundo que eu construo na academia. Nenhum lugar é invalidado se o/a pesquisador/a se autoidentifica no seu espaço de fala, quando ele ou ela se descreve e, ao se descrever, se orienta diante da problemática de pesquisa e de suas posições sobre um fato, uma prática, uma comunidade, um viés.

Ambas as perguntas podem me interpelar profundamente e ainda me desmontarem de meu arranjo subjetivo egotista, ao mesmo tempo em que elas podem mudar o mundo construído na minha escrita, conseqüentemente nas minhas ações. Assim assumo, da mesma forma, que a ciência é uma construção discursiva, melhor dizendo, político-discursiva. E a relevância dessa consciência coexiste com a relevância de fazer pesquisa que implique de fato meu eu na história.

O/a pesquisador/a revivencia seus próprios significados de mundo, na pesquisa em LA, e os reconstrói nas reflexões teórico-práticas de seu trabalho. Esse/a pesquisador/a observa as práticas pesquisadas como um vir a ser e não apenas como um já dado. E o que isso significa? Significa descrever e lutar por um mundo que pode e deve mudar. Significa ainda que na pesquisa, ele/a descreve os acontecimentos, ele/a busca fazer um exercício de estranhamento dos sentidos prévios, e busca promover uma ação de olhar de novo, encontrando questões talvez não perceptíveis num primeiro momento.

A pesquisa é vista como uma construção subjetiva e também coletiva, não é assumida como uma vontade egotista e, mais ainda, ela é assumida como uma responsabilidade responsiva, de resposta ao que está sendo construído e não como um trabalho situado fora de mim mesmo e do mundo.

**Sobre os/as participantes dos estudos em LA**

Como discuti na perspectiva mais atual do que se observa nos estudos da LA, os/as participantes das pesquisas não são considerados/as “informantes” de pesquisa, ou seja, ele/a não são um canal informações homogêneas para o levantamento de dados.

Logo é comum vermos, em pesquisas em LA, recursos vários de uma prática de nomear o outro que não se resume a dar um nome, visto que “o como” essas pessoas são apresentadas, construídas e discriminadas num estudo revela muito da episteme do estudo, da pessoa que pesquisa e do que ela esboça para o mundo. Essa pessoa oferece possibilidades de respostas ao questionamento feito no estudo e não a resposta. A parte interpretativista do

estudo, por meio de triangulação de informações e dados, expande essa gama de caminhos interpretativos na busca das respostas possíveis (e não “a” resposta).

Sobre os sentidos depreendidos no diálogo com participantes do estudo, percebo que o próprio discurso do cotidiano, que não se enquadra na perspectiva hegemônica de fazer pesquisa dentro de um modelo mais estruturante, é rejeitado também na lógica mercadológica tradicional, já que os objetos culturais de uma comunidade desprivilegiada são considerados de menor valor. Precisamos complexificar os valores de verdade, as certezas instituídas e a memória ideal de construção de dados, onde as informações são organizadas, enquadradas e selecionadas.

### **Sobre a pessoa “escrita na pesquisa” (construída no discurso)**

A responsabilidade pelo ato de dizer também faz parte da pesquisa: a forma como lido com a imagem do outro e como apresento o sentido do outro são ações estéticas, mas também éticas do/a pesquisador/a. Para desenvolver essa discussão vou assumir a noção de memória exotópica para a construção das subjetividades dentro dos trabalhos de pesquisas em LA.

Amorim (2009) desenvolve uma discussão sobre memória que, segundo ela, teria o objetivo de pensar o “papel da memória na cultura contemporânea e suas implicações para a educação”. Vou centrar no papel da memória para a construção do sujeito dentro dos trabalhos em LA, nessa construção intermediada por uma das principais tecnologias da memória que é a escrita. O papel da construção da memória e da escritura do outro na construção dos sentidos na pesquisa, especificamente da construção dos sentidos sobre o outro, é responsabilidade da academia, da formação que ela oferece, é responsabilidade dos/as orientadores/as, da interlocução que eles propiciam, e, por fim, não menos importante, é responsabilidade do/a pesquisador/a estudante, no processo de produção dos gêneros acadêmicos da pesquisa. Amorim apresenta a memória em dois níveis. No primeiro nível, retirado do texto o Autor e o Herói, estaria a memória exotópica. No segundo nível, principalmente nas discussões sobre gênero em Bakhtin, estaria a memória do objeto. Vamos nos ater à memória exotópica para falar do sujeito que é escrito nas pesquisas. Segundo Amorim (2009, p. 09),

ao construir o conceito de exotopia, ele [Bakhtin] diz que a memória que o outro guarda de mim é fundamental para a construção da minha unidade e relaciona esse aspecto com o sentimento do amor. A ideia de amor e de generosidade está presente no conceito de exotopia porque o trabalho que realizo de meu lugar exotópico em relação ao outro é justamente uma afirmação da nossa relação de alteridade e é o meio pelo qual dou de mim.

Para Amorim (2009, p. 09), a memória exotópica se produz quando “não compreendo mais, quando não me identifico mais com o ponto de vista do outro e introduzo meu ponto de vista, aquilo que vejo do que o outro vê.” (Amorim, 2009, p. 09).

Na perspectiva que apresento, a memória exotópica é a memória que se produz depois da compreensão interpretativista da pesquisa, isto é, na segunda etapa do processo de apreensão do outro, da cultura do outro. Então, na pesquisa, eu descrevo o outro, observo seus papéis, estranho esses movimentos, mas há o momento em que eu reelaboro esse outro

no modo como eu o anuncio minha pesquisa. E, na medida em que essa memória trabalha com o acabamento, Bakhtin a designa memória do passado e a distingue, assim, da memória do futuro, que seria a “memória do herói.”<sup>20</sup> A memória exotópica, segundo ainda Amorim (2009), é a memória estética, aquela que cria a unidade do outro “dando-lhe forma e acabamento”.

A escrita acadêmica é um fator importante para essa pessoa que é (d)escrita em LA já que busco não objetificá-la; tenho a partir dela uma memória do passado, do acabamento, mas também uma memória do futuro, da busca. A pessoa que pesquisa não é mera contempladora quando assume essas memórias. Zozzoli (2021) afirma que “o sujeito observador (ou contemplador, no dizer de Bakhtin) está morto ao ser transformado em objeto. Nessa perspectiva, são, portanto, objetos, tanto o sujeito observador quanto o sujeito observado.”.

Não se trata apenas de trabalhar com práticas sociais, não se trata apenas de fazer pesquisa que proponha intervenção, trata-se de um ciclo de posturas de pesquisador/a que questiona, desnaturaliza, e propõe, dentro de sua área de atuação, ações formativas. Segundo Souto Maior (2013, p. 34. Grifo meu),

o sujeito ao se pronunciar diante dos acontecimentos da pesquisa **verbaliza também o valor dado ao que vê/ouve/sente** e, desse modo, a depender das estratégias que ele desempenhe diante da vida – ou mesmo da consciência ou não do que essas ações constituem na realidade vivida –, esse sujeito pode ou não ser mais ou menos atuante nessa verbalização do valor.

### **Parâmetros da área e a atuação no Gedeall: objetos culturais**

Agora retomo a problemática dos sentidos sobre as pessoas na/da pesquisa e sobre a pesquisa em LA, para pensarmos os parâmetros de atuação do grupo Gedeall e sentidos de mundo nela imbricados, a partir da análise da narrativa de uma das líderes do Grupo, professora Dra. Rita Maria Diniz Zozzoli. Ela respondeu, por áudio em WhatsApp, a três questões geradoras e narrou livremente sobre elas, sem interrupção ou interpelação, o que rendeu 51m37s de áudio, divididos em 7 arquivos (um desses para avisar que enviaria as respostas na sequência). Eles foram transcritos pelo “Blip ViraTexto”<sup>21</sup>, após serem compartimentalizados pelo aconvert<sup>22</sup>. O texto gerado foi revisado, cotejando escuta e escrita. As questões foram enviadas por escrito no mês de outubro de 2024, conforme segue: 1. Como o grupo Ensino e Aprendizagem de Línguas surge na década de 90? Conte um pouco sobre suas motivações e sobre o contexto de surgimento do grupo (espaço físico, participantes, objetivos, estruturação e práticas). 2. Qual foi ou quais foram, segundo pensa, as maiores ações do grupo nos últimos anos? Por quê? 3. Na sua concepção, quais são os objetivos de um grupo de pesquisa? Por quê? E as respostas me foram devolvidas duas

---

<sup>20</sup> A memória do herói é “futura, porque está intrinsecamente comprometida com o por-vir. O herói está em perpétuo inacabamento em relação a si mesmo e seu olhar se pauta pelo horizonte, enquanto o olhar do artista se pauta pelo ambiente.” (Amorim, 2009, p. 09).

<sup>21</sup> Chatbot da Take Blip transcreve áudios do WhatsApp em texto. Fonte: <https://blip.ai/blog/whatsapp/viratexto-bot-whatsapp/>

<sup>22</sup> <https://www.aconvert.com/audio/split/>

semanas depois do envio. Abaixo, selecionamos cinco trechos que vão dialogar com a discussão empreendida.

## O Gedeall

O Gedeall é um grupo atuante na Faculdade de Letras/UFAL que surge como espaço para se discutir ensino e aprendizagem de línguas nos estudos da linguagem, no início ainda bem articulado com a linguística (até por conta das áreas do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura, antigo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística), mas também já interdisciplinar. Segundo relato de Zozzoli:

Trecho 1: Como surge o Grupo

[...] o grupo o Ensino e Aprendizagem de Línguas surge em 1995 e essa data é a data de entrada no diretório do CNPQ. Eu penso que o grupo começou antes de 1995 e que depois a gente deu entrada no CNPQ. [...] **Línguas para no contexto em que a linguística aplicada não tinha muita vez e muito espaço. Não existia quase pessoas, não existiam pessoas trabalhando com linguística aplicada, fora Rita Zozzoli [se auto referenciando] e depois Roseanne Tavares que terminou o doutorado dela.** (Fonte: dados da autora, 2024)

Acertadamente dizer que a LA “não tinha muita vez e muito espaço” é comum ao contexto geral já que estamos retomando a década de 90, destaque ao que foi dito mais acima acerca do momento histórico da própria área, ou seja, momento em que ela se ajustava predominantemente nos grandes centros, com Programas e com eventos, mas ainda não era tão marcada em outros espaços.

A criação do Grupos Ensino e Aprendizagem de Línguas (antigo Ensino e Aprendizagem de Línguas e Literaturas) tem protagonismo nesse contexto, ao mesmo tempo em que responde à demanda das pesquisas em ensino e aprendizagem nas habilitações (hoje cursos) de licenciaturas em Letras/UFAL<sup>23</sup>. Estamos fazendo referência ao contexto de Alagoas, um estado no nordeste brasileiro, região com mais número de estados, mas que também, na década de 90, apresentava índices sociais alarmantes. O indicador da proporção de pobres, com a estagnação que vinha desde a década de 80, em 1992-1993, ficou em 44% para o país como um todo e em quase em 64% para o Nordeste. Em 1999, 50,90% dos índices de pobreza era no Nordeste, enquanto o índice do Brasil era de 34,95% (Rocha, 2003, p.10)<sup>24</sup>. Outros índices compõem essa esteira de informações<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> A Fale era constituída em departamentos: o de Letras Clássicas e Vernáculas e o de Línguas Estrangeiras Modernas, dentro do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CHLA).

<sup>24</sup> Em particular, a redução na incidência de pobreza nas áreas rurais do Sul e do Centro-oeste compensa em parte, em nível nacional, os resultados adversos do Nordeste rural assolado pela seca de 1993. (Rocha, 2003).

<sup>25</sup> Entre 2010 e 2020, os estados da região Norte e Nordeste apresentaram os piores índices do país em 14 indicadores de saúde, como mostra a nota técnica. Norte e Nordeste apresentam piores índices do sistema de saúde, segundo pesquisa do IEPSFoto: Marcello Casal/Agência Brasil. Foto: Marcello Casal/Agência Brasil. Desigualdades Regionais - Norte e Nordeste apresentam piores índices do sistema de saúde, segundo pesquisa do IEPS. A Nota Técnica n. 28 analisou dados de 2010 a 2020 e 14 indicadores de saúde - 2 de setembro de 2022, atualizado em 2 de maio de 2024.

A conexão com áreas e pesquisadores/as da linguística era muito comum à época, e a chamada para fazer parcerias parecia ter que ser pelo viés do ensino e aprendizagem, afinal de contas éramos uma licenciatura em Letras. A demanda de formação de professores surge antes mesmo da própria formação da Universidade Federal de Alagoas, os ensinamentos de línguas foram atrelados a Faculdade de Filosofia e Direito e tem sua história confundida com o protagonismo da formação de professores no estado de Alagoas. Deprendemos, na narrativa ainda da profa. Zozzoli, esse “chamamento da área” pelo viés do ensino e aprendizagem:

Trecho 2: Conquista de espaços

**Fora isso, eu comecei a conquistar, digamos assim, espaço, procurando dentre as pessoas que trabalhavam com descrição linguística.** Todas as outras áreas de descrição da teoria, teorias da linguística, entre alunos e professores e professoras, alunas e professoras, **aqueles e aquelas que estavam sensíveis para trabalhos com ensino e aprendizagem.** [...] **E alunos, foram vários durante décadas, tanto alunos, aí todos os alunos que iam entrando, a ideia era essa: um espaço comum e composto de pessoas de níveis diferentes, que todos estivessem com esse interesse no ensino e aprendizagem de línguas e literaturas e na perspectiva de linguística aplicada.** (Fonte: dados da autora, 2024. Grifos meus)

Segundo a professora, a questão era espaço para o desenvolvimento da área da LA e, quando se fala de espaço, fala-se de potencial de crescimento de estudos. O grupo, segundo a professora, integrava pessoas de níveis diferentes: “a ideia era essa: um espaço comum e composto de pessoas de níveis diferentes, que todos estivessem com esse interesse no ensino e aprendizagem de línguas e literaturas e na perspectiva de linguística aplicada.”. Dessa maneira, os grupos propiciam esse lugar de troca dialógica de sentidos com processos de alteridades diversas (graduandos, mestrands, doutorandos, doutores, egressos). No sudeste, em Campinas, sob a organização do Departamento de LA da Unicamp, acontecia em 1992, o III CBLA onde se notou, segundo Archanjo (2011), um grande aumento no número de sessões temáticas do evento, totalizando 85 sessões<sup>26</sup>. Os trabalhos dedicados a questões de língua segunda e estrangeira e língua materna continuaram a ser maioria, tendo as duas outras subáreas uma participação mais coadjuvante [a tradução e a educação bilíngue]. Mas vamos observar o grupo na contemporaneidade mais adiante.

### **O que é a LA na contemporaneidade**

Muitas desmistificações se operam nessa primeira década do séc XXI, uma delas é a ideia de que a LA era “aplicação de Linguística”, concepção hoje já superada. Na narrativa, a

---

<sup>26</sup> O I CBLA foi “composto de 30 sessões temáticas (8 conferências, 3 mesas-redondas, 6 painéis e 13 sessões de comunicação), apresenta a maioria das pesquisas com temas relacionados à língua segunda e estrangeira e língua materna. Parte das pesquisas apresentadas (16,6%) trataram de questões relacionadas especificamente com a LA, como objeto de investigação, e o percentual restante de trabalhos (20%) tratou de temas ligados a questões de tradução e educação bilíngue.” e no II CBLA “foram apresentadas mais de 50 comunicações, envolvendo participantes de mais de 30 instituições nacionais e internacionais (V CBLA, Caderno de Resumos, 1998).” (Archanjo, 2011).

profa. Zozzoli retoma esse discurso da época e faz um jogo temporal quando no trecho adiante afirma: “como a gente sempre soube e sempre disse [que a LA não é aplicação de linguística].” Vejamos:

Trecho 4: O que é a LA

Então, ao estudar a teoria dialógica, nunca nos fechamos para outras teorias compatíveis, **porque o propósito da linguística aplicada não é a aplicação de teorias, como a gente sempre soube e sempre disse.** A linguística aplicada trabalha na interface, na transdisciplinaridade e na interface teoria-práxis. Então, não poderíamos jamais esquecer desses pressupostos da linguística aplicada. **E continuamos nas nossas pesquisas. É por isso que explica as nossas articulações com pessoas da educação, com pessoas da sociologia, da antropologia. Da antropologia, da filosofia, porque isso é característico da Linguística Aplicada.** [...] (Fonte: dados da autora, 2024. Grifos meus)

O desenvolvimento dos estudos discursivos implementa em nós, do Gedeall, um novo modo de ver os trabalhos na área. Não que todos estudem discurso necessariamente, mas o interpretativismo da LA do século XXI institui um olhar sobre a análise das práticas de linguagem e do discurso, não como uma teoria da interpretação, mas como problematização mesmo dos dizeres, dos valores, das relações dadas. Pesquisar, assim, é um ato ético no sentido de que dialoga e (re)constrói valores sociais. O ato da pesquisa não movimenta o saber nele mesmo porque não existe o saber sem a pessoa que busca e constrói esse saber. A ética se preocupa com as construções humanas para lidar com as contradições como individual e social, entre cultural e moral, entre a matéria e o espírito, entre o cultural e o natural. Resolver as contradições não é chegar a uma verdade, mas reconhecer que as pessoas constroem sentidos nos espaços entre as dicotomias também. A pesquisa não se isenta disso. Perguntamos a pesquisadora Rita Zozzoli ainda qual seria uma grande atuação do grupo e ela cita “projetos como ‘Ensino e Aprendizagem de Línguas em comunidades’”<sup>27</sup>. Sobre esse projeto, no qual estive envolvida, ele se iniciou na primeira década do século XXI, ocorreu na Vila dos Pescadores do bairro do Jaraguá (2006 – 2012) e, no final da atuação do projeto, atuamos no Vale do Reginaldo<sup>28</sup> e no bairro do Bom Parto<sup>29</sup>. A profa. Zozzoli cita

<sup>27</sup> Projeto Ensino e aprendizagem de Línguas em Comunidades da Cidade de Maceió, que tinha como objetivo articular três dimensões: a pesquisa no plano linguístico-discursivo, a oferta de cursos de extensão em Língua Inglesa e em leitura e produção de textos em Língua Portuguesa a comunidades da cidade de Maceió (no caso específico, as comunidades de Jaraguá e Reginaldo) e a contribuição para aprofundamento da formação de alunos graduandos, recém-graduados e pós-graduandos enquanto professores e pesquisadores das línguas mencionadas.”

<sup>28</sup> O Vale do Reginaldo é “o reflexo da desorganizada expansão do Município de Maceió. Dados históricos apontam que a ocupação informal da capital alagoana deu-se por volta da década de 50, devido ao aumento do fluxo migratório causado por um forte período de seca que assolou todo o Estado. Desde então, os assentamentos informais têm se concentrado em áreas ambientalmente frágeis, como vales e encostas.”. Fonte: <https://bairrosdemaceio.net/noticias/vale-do-reginaldo-do-projeto-as-obras>

<sup>29</sup> O Bom Parto “é um dos mais populares bairros de Maceió. É também um dos que apresenta menor extensão, encravado entre o Farol e a Lagoa Mundaú, dividindo-se com o Mutange e a Cambona. Já foi um típico bairro operário, com a Fábrica de Tecidos Alexandria, onde quase toda população dependia dessa atividade

esse projeto como uma grande ação do Gedeall e cita os vários projetos nele desenvolvidos, além da própria caracterização do que foi essa pesquisa. Marcadamente no discurso ela destaca como o dinamismo do grupo faz diferença para o desenvolvimento do estudo. Ela dá destaque à evolução da pesquisa em função das pessoas, do coletivo, como veremos no trecho a seguir. E essa é uma importante característica dos grupos de pesquisa tanto para o discurso oficial (como aquele com o qual iniciei esse artigo) quanto para a perspectiva de uma LA implicada:

Trecho 5: Gedeall do futuro

“[...] porque eu estou falando de passado, presente e futuro do grupo, né, porque o grupo nunca foi e não poderia ser, jamais **esse grupo poderia ser um grupo que fosse, como eu diria, tinha que ser um grupo dinâmico, né, evoluir com o tempo, não poderia ser um grupo estático e ele não foi, isso é a minha maior satisfação. Ele foi evoluindo com as pessoas, com as nossas ações, com que nós conversávamos.** [...]Então, Gedeall passou a ser muito grande, passou a ser nacional e, quem sabe, um dia internacional, porque a tendência é o crescimento, porque todos e todas que estão nele estão muito envolvidos nesse crescimento.”  
(Fonte: dados da autora, 2024. Grifos meus)

O grupo responde a demandas do grupo, a professora diz “**Ele [o gedeeall] foi evoluindo com as pessoas, com as nossas ações, com que nós conversávamos.**”. Uma das ações do grupo que fomenta a discussão e divulga o conhecimento científico é a organização do evento, que é uma atividade que marca bastante o Gedeall.

Em 2004, o Gedeall dá início a um evento semestral, intitulado Ciclo de Palestras em LA, com apresentações de professores locais, das pessoas do grupo e de outros/as convidados/as. Atualmente, ele se tornou híbrido e tem suas palestras também divulgadas no canal do Gedeall no YouTube (<https://www.youtube.com/@Gedeall>). Estamos em 2024, no XI Cipla, com apresentações apenas na modalidade Remota<sup>30</sup>. Diversifica também nos eventos, promovendo o I e II Círel Ciclo de Reflexões sobre a Literatura<sup>31</sup>. Em 2019 e

---

econômica. É também um bairro típico que tem suas lendas, como a do “padre sem cabeça”, contada pelos moradores da Gruta do Padre”. Fonte: <https://bairrosdemaceio.net/bairros/bom-parto>

<sup>30</sup> Com o tema “Construção e resistência para a paz nas relações humanas.”, o XI CíPLA teve 4 palestras em 2024: 1. 21/03 “Pedagogias outras e a emersão de uma práxis decolonial/contracolonial na pesquisa e na educação linguística”, ministrada pela Profa. Dra. Lívia Márcia Tiba Radis Baptista (UFBA) e mediado pela profa. Dra. Rita de Cássia Souto Maior (Fale/UFAL) 2. 18/04 “Conflitos para a paz: ativismos políticos e linguísticos na LA do Brasil”, ministrado pelo Prof. Dr. Danillo da Conceição Pereira Silva (IFAL) e mediado por Lucas Assis (PPGLL/UFAL); 3. 23/05 - Palestra: O pós-queer/cuir no Brasil da atualidade com o Prof. Dr. Leandro Colling (UFBA) e mediado pelo prof. Humberto Lima (IFAL); 4. “Educação científica e letramento digital na aula de Português: reflexões no campo das Práticas de Estudo e Pesquisa da BNCC”, ministrada pela Profa. Dra. Isabel Muniz Lima (UFAL) e mediada pela profa. Eliane Vitorino (PPGLL/UFAL).

<sup>31</sup> Em 2022, a última edição do Círel contou com cinco palestras: 1. “Educação Literária nos contextos escolares: desafios e possibilidades”, Prof. Dr. Clécio Bunzen, mediada pelo prof. Dr. Sílvio Jr.; 2. “Formação de leitores e temas fraturantes na literatura infantil e juvenil”, profa. Dra. Márcia Tavares (UFCG), mediada pelo prof. Mestre Humberto Lima (IFAL); “Procedimentos metodológicos para o ensino da leitura do texto literário”, Profa. Dra. Renata Junqueira, mediada por profa. Fransuelly Rêgo (PPGLL/UFAL); “A abordagem do

2022, promove o Encontro Nacional de Linguística Aplicada (I e II ENALA)<sup>32</sup>, evento que vem se consolidando como importante espaço de divulgação na área. No próximo tópico veremos outra dimensão de análise e discussão.

## Objetivos de um grupo de pesquisa

Além da divulgação de conhecimento científico, os grupos objetivam estimular as parcerias para o desenvolvimento do saber. A aproximação entre a academia e a sociedade é importante para a concepção de grupo. A noção de vida vivida que é retomada na teoria bakhtiniana como lugar de atuação pela responsividade também é fulcral para o fortalecimento dos grupos. Quando questionada sobre objetivos de um grupo, a professora responde:

Trecho 6: objetivos de um grupo de pesquisa

Então, os objetivos de um grupo desse, eu vou dizer a minha opinião, minha concepção. **Eles deveriam sempre ser o que eu já anunciei no início da minha fala, que seria a aproximação do que faz a academia, entre aspas, nome terrível, e a sociedade.** Ele devia ser a aproximação da vida vivida com que faz a vida concreta. **Então essa aproximação com o que acontece no social teria que sempre ser a preocupação de um grupo de pesquisa que não queira ficar isolado trabalhando num laboratório [pausa] da vida.** Porque até mesmo as pesquisas acadêmicas universitárias das áreas que não são a nossa, que não são áreas de humanas, áreas das ciências médicas, por exemplo, das ciências exatas, quando elas se afastam desse real da vida, elas perdem a sua função social, mesmo que elas tenham como objetivo uma contribuição social, elas colocam esse social como pano de fundo e, no meu entender, um grupo de pesquisa que tenha uma função social, ele tem que colocar o social dentro do grupo de pesquisa. (Fonte: dados da autora, 2024. Grifos meus)

O social a que faz referência é a vida das pessoas e mais a luta ao direito à vida, tantas vezes problematizada em estudos críticos e nas pesquisas que têm como pano de fundo o relevo a ser dado aos direitos humanos como diretriz para a vida. Segundo a concepção da LA implicada, o campo da Linguística Aplicada “se constitui cada vez mais numa dimensão epistemológica de implicação com a vida pelo fato de que suas pesquisas promovem e constituem uma rede discursiva das ações no mundo e que, por isso, assumem não se eximir da narrativa de mundo que promovem”. (Souto Maior, 2024, p. 18).

A linguagem como espaço enunciativo-discursivo da pessoa na vida em sociedade, com todas suas manifestações concretas, interfere na vida das próprias pessoas já essas são constituídas com/pela linguagem. Os discursos são representações de uma dada realidade e

---

romance juvenil em sala de aula”, ministrada Aline Almeida e ministrada pela profa. Rosângela Nunes de Lima (Uneal); e “Ciclo Formativo dos Slams Escolares de São Paulo: uma reflexão”, Profa. Dra. Cynthia Agra de Brito Neves (UNICAMP), mediada pela profa. Dra. Kristianny Azambuja (UFAL).

<sup>32</sup> <https://enala.com.br/>

acontecimento, que, ao mesmo tempo, reflete essa realidade, mas que também refrata outros sentidos, portanto, ressignifica.

## Conclusão

Nossa atuação na pesquisa de uma LA Implicada é um ato na vida. Partindo dessa premissa, nosso estudo toma um caminho na busca de uma coerência ideológica, política, humana de sabermos o que fazemos no mundo com nossos estudos. Os elementos fundamentais para essa prática é termos um memorial que expõe traços de quem escreve, uma contextualização mais aprofundada da problemática que gera nosso interesse e a descrição dos sentidos que são apreendidos no contexto de pesquisa que vão dialogar no próprio texto produzido. A guisa de conclusão reitero, nesse sentido, o quanto olhar para o passado nos faz olhar com mais zelo e cuidado para o que construímos no presente (incluindo as pessoas descritas nas pesquisas), principalmente no entendimento que os elos da cadeia discursiva da vida estão interligados e o que produzimos hoje é a base da construção de amanhã e especificamente aqui falo de pesquisa, da ciência, de valores, de sentidos sociais que nos rodeiam e nos fazem pesquisadores/as mais ou menos implicado/a.

A LA vem tecendo história na Universidade Federal de Alagoas em função da formação de professores no estado, da preocupação com políticas públicas, da problematização de discursos sobre a comunidade surda e sobre os documentos que pautam nossos currículos também. Esses estudos lançam um olhar questionador para as práticas de letramentos (críticos, literários, digitais, acadêmicos, complexos etc.), para situações como violência na escola, para a comunidade LGBTQIAPN+, para documentos do campo da educação, da religião, da saúde, que tensionam o discurso oficial e o discurso do cotidiano etc. A Linguística Aplicada Implicada considera o imbricado afetivo da atuação do/a pesquisador/a em seus estudo que são para a “vida vivida” no sentido bakhtiniano. O escopo epistemológico da LA implicada imprime responsividade na produção dos resultados dos estudos nas dimensões de pesquisa. São pesquisas necessárias, curiosas, fortes, instigantes e indignadas porque envolvem pessoas e vida.

## Agradecimentos

Ao CNPq, à Fapeal, ao Gedeall, ao PPGLL/Fale/UFAL.

## Referências

AMORIM, M. Memória do objeto – uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 8-22, 1º sem. 2009. Disponível em: <

<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/2993/1927>> Acesso em: 26 de maio de 2020.

ARCHANJO, R. Linguística Aplicada: uma identidade construída nos CBLA. **Revista brasileira de Linguística Aplicada**. 11 (3) 2011.

Fonte: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/LQ6L9L8YPgk7v4qjM6b5cNM/#>

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CELANI, M. A. A. A relevância da linguística Aplicada na formulação de uma Política Educacional Brasileira. In: FORTKAMP, M. B. M. E TOMITICH, Lêda Maria B. **Aspectos da Linguística Aplicada: estudos em homenagem ao Professor Hilário Inácio Bohn**. Florianópolis: Insular, 2000.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 2001.

FIAD, Raquel Salek. Pesquisa e ensino de escrita: letramento acadêmico e etnografia. **Revista do GEL**, v. 14, n. 3, p. 86-99, 2017.

Gomes, S. F.; Penna, J. C. B. de O.; Arroio, A.. Fake News Científicas: Percepção, Persuasão e Letramento. **Revista Ciênc. educ.** (Bauru) 26, 2020. Fonte: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/bW5YKH7YdQ5yZwkjY5LjTts/#>

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de Linguística Aplicada**. SP: Mercado de Letras, 1996.

NETA, M. da S. SANTOS, J. S. dos. CARVALHO, I. C. A. O percurso histórico da linguística e sua influência na linguística aplicada. **Revista Humanidades e Inovação**. v. 10. n. 10. 2023

OLIVEIRA, C. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias**. v. 2, n. 3. 2008

ROCHA, S. M. Pobreza no Nordeste: A década de 1990 vista de perto. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 34, n. 1, jan-mar. 2003.

SOUTO MAIOR, R. de C. Pensamento Bakhtiniano nos estudos da Linguagem: a ação do pesquisador como ato responsável In: **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 20, n. 27, p. 31-53, jan./jun., 2013.

SOUTO MAIOR, R. de C. Estudos Discursivos na Linguística Aplicada implicada. In: Sturm, L.; Souto Maior, R. de C. (Org.). **A Linguística Aplicada no ensino e aprendizagem e nos estudos discursivos**. Tutóia: Editora Diálogos, 2022.

SOUTO MAIOR, R. de C. A LA implicada e seu diapasão contemporâneo. In: Souto Maior, R. de C. e Zozzoli, R. M. D. **Linguística Aplicada: 25 anos de Gedeall**. Tutóia, MA: Lupa, 2024.

ZOZZOLI, R. M. D. Linguística Aplicada como campo multidimensional e dialógico: um percurso no tempo-espaço numa universidade no Nordeste. In: MUSSI, M. V. F. (org.) **Linguística Aplicada: panorama de estudos teóricos e práticos no Nordeste**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

Recebido em 26 de novembro de 2024.

Aceito em 27 de novembro de 2024.